



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CARTAS ENTRE MARIAS: UMA VIAGEM À GUINÉ BISSAU – UMA PESQUISA DE RESULTADO POÉTICO E ESTÉTICO

Maria Isabel Leite / Virgínia Maria Yunes

Pesquisadora e consultora autônoma / UDESC

leite.mariaisabel@gmail.com / yyunes@gmail.com

A proposta da pesquisa

Estranhem o que não for estranho.
Tomem por inexplicável o habitual.
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.

Bertold Brecht

Pensar a pesquisa sobre a infância, no âmbito das Ciências Sociais, em estreito diálogo com a arte – no caso, a fotografia e a literatura – foi um dos desafios propostos em “Cartas entre Marias: uma Viagem à Guiné Bissau”.

Há tempos Demo (1990) ressaltava a **dimensão política** das pesquisas, dizendo que a “[p]esquisa não é um ato isolado, intermitente, especial, mas *atitude* processual de investigação diante do desconhecido e dos limites que a natureza e a sociedade nos impõem” (p.16). Ainda segundo esse autor,

A pesquisa coloca outro desafio: desfazer a aparência visível, observável, para surpreender a realidade por trás disso. O pesquisador não somente é quem sabe acumular dados mensurados, mas sobretudo quem nunca desiste de questionar a realidade, sabendo que qualquer conhecimento é apenas recorte (p.20).

A maioria das notícias sobre a África aborda os problemas socioeconômicos do continente. Conforme relatório divulgado em 2010 pela Organização das Nações Unidas (ONU), Guiné-Bissau detém o sexto pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Portanto, além do fato de o país ter, assim como o Brasil, o português como idioma oficial, a escolha de um país da África foi opção política, uma vez que buscávamos um enfoque investigativo que destacasse mais os aspectos culturais, ao invés dos econômicos, pois entendemos que estes últimos acabam por trazer a reboque um discurso paternalista ou uma imagem estereotipada do lugar, sublinhado sempre por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

suas carências e faltas. Queríamos inverter esse movimento e investigar suas potências – potencial de beleza, de cultura, de diversidade. Como diz Demo (op.cit.), “desfazer a aparência visível, observável, para surpreender a realidade por trás disso” (p.20). De qualquer forma, como pesquisadoras sabemos que o que trazemos à tona é apenas um recorte da realidade, porém nosso desafio permanente é não só capturar dados, mas, sobretudo, parafraseando o supracitado autor, *nunca desistir de questionar a realidade*.

Assim, buscamos perceber os modos de ser, agir e pensar de pessoas de uma aldeia no interior da Guiné Bissau, em particular, suas crianças: do que e como brincam? O que comem? Como moram? Como convivem uns com os outros? Como estabelecem seus laços identitários? Como se estruturam suas percepções alteritárias? Estas questões de pesquisa nos levam claramente a um **paradigma qualitativo** de investigação, conceituado por Chizotti (1991) como aquele que “(...) se opõe, em geral, ao pressuposto experimental que defende o padrão único de pesquisa para todas as Ciências, calcado no modelo de estudo das ciências da natureza” (p.78). Ou, em outras palavras, estruturamos uma pesquisa que

Parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (p.79).

Mas seria possível fazer uma investigação científica que envolvesse, ao mesmo tempo, uma dimensão estética e poética? A fotografia e o diário de campo foram os instrumentos privilegiados de captação de dados; e a literatura foi a forma escolhida de síntese da investigação, procurando provocar estranhamento e encantamento, na medida em que devolve ao sujeito-criança-investigado um material significativo que ressalta seu papel como sujeito produtor e consumidor de cultura; sujeito autônomo, e autoral. Isso nos coloca dentro de outra singularidade investigativa – aquela denominada como *pesquisa em arte*.

Na definição de Zamboni (2001), **pesquisas em arte** são aquelas “relacionadas à *criação artística*, que se desenvolvem visando como resultante final a produção de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

uma *obra de arte*, e que são *empreendidas por um artista*” (p.7 – grifos nossos). No caso dessa investigação, ela é relacionada à *fotografia e à literatura*; visa a produção de uma *obra literária* infantil/infanto-juvenil; e foi empreendida numa parceria entre uma pesquisadora-*fotógrafa* e uma pesquisadora-da-infância-*escritora*. Para o autor, assim como as demais pesquisas, a pesquisa em arte também requer *método* – “caminho a ser trilhado para se buscar uma finalidade determinada” (p.42), bem como pressupõe *consciência e domínio intelectual* do autor sobre o objeto. O que a singulariza é, sobretudo, a importância dada à *intuição* e à *sensibilidade*.

Jean Lancri (in BRITES & TESSLER, 2002) corrobora com essa conceituação dizendo que a pesquisa em arte opera no *vaivém entre o conceitual e o sensível, teoria e prática, razão e sonho*. Para o autor, esse tipo de investigação parte da prática artística, com o questionamento que ela contém e as problemáticas que ela suscita – portanto, reflete o *entrecruzamento articulado* (e não justaposição) de uma *produção artística* com uma *produção textual*. Nesse sentido, é uma pesquisa que se desdobra através do campo da produção, da invenção, da descoberta e da criação.

Complementando essa ideia conceitual, Icleia Cattani (in BRITES & TESSLER, 2002) ilumina o desafio daquele que se propõe a pesquisar em arte de se “[e]ncontrar uma metodologia de trabalho que ajude a expressar o que se quer, da forma como se quer, e manter o espírito investigativo sistemático” (p.39). Para a autora, essas “são maneiras de aprofundar e enriquecer a obra, ampliando a sensibilidade e a qualidade do processo criativo” (idem).

A **foto-grafia** – escrita pela luz – tornava visível aquilo que a escrita do diário de campo não dava conta de descrever. Hoje tão difundida, a captação de imagens fotográficas é arte relativamente recente que nasce do desejo de registro. Ao registrar o outro, o reconhecemos e o compreendemos como sujeito da história e da memória; vemo-nos, junto ao outro, como sujeitos da linguagem, capazes de expressar-nos nas mais variadas formas e, assim, construímos entendimentos compartilháveis – constituindo, diante desse espelho que ao mesmo tempo reflete e refrata, nossas relações de identidade e alteridade. Desta forma, ao registrar fotograficamente o outro, favorecemos que deixem suas marcas; e a elas damos visibilidade – afinal, as coisas existem precisamente porque, através dos registros, “tornam-se visíveis e, assim sendo,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

possíveis” (LEITE, 2004, p. 33). Aquele que registra, portanto, necessita aprender a escutar, observar e ver o que passa despercebido no cotidiano; perscrutar tudo o que gira em torno de seu interesse, de seu tema de pesquisa. O maior desafio do registro é fugir do estereótipo e do ritualístico; abandonar velhas práticas – por isso buscamos o *olhar flutuante*, que aproxima e distancia, observa o todo e a parte...

Segundo Costa (2001), uma análise crítica dos diários das primeiras viagens científicas aponta que escritas e desenhos essencialmente descritivos eram a forma privilegiada de produzir conhecimento, salientando a importância da relação direta com o objeto. O desafio dos viajantes-pesquisadores era reconstruir o visto abrindo mão de impressões pessoais e relatos de terceiros. Na contemporaneidade, com a facilidade de acesso às viagens e a difusão imagética, o desafio está em desencadear uma *escrita em movimento* – que capte os dados observáveis com olhos de hoje lançados sobre o passado, portanto, que compreenda a linguagem como *uma visão de mundo*, “não como um meio transparente que apenas capta as coisas do mundo, mas conformando o próprio mundo” (p.51); opondo-se à corrente naturalista dos nossos predecessores que compreende a “linguagem como transparência, como um meio que não interfere na produção de conhecimento” (p.48).

Nessa direção, Lima (2001) salienta que o desafio atual está em manter um olhar sempre *indagativo*, que nos permita esquivar-nos de *interpretações totalizantes*. O autor sublinha que, como sujeitos datados, as lentes pelas quais adentramos as paisagens e imagens variam em seu tempo – e assim, ora o fazemos por um viés biológico; ora por um mais cultural; ou ainda por um mais econômico... Mas o importante é ter a percepção de que tudo o que se vê/lê interfere na forma como nos aproximamos da realidade; e, sobretudo, devemos nos manter alertas quanto à necessidade de *estranhamento* permanente para não cairmos na armadilha do *automatismo* que neutraliza diferenças culturais.

A partir da leitura de Lima (op.cit.), e na medida em que entendemos a cultura como constituída e constituinte dos sujeitos, como pesquisadores-em-arte não devemos nos furtar a explicitar os conflitos/as tensões emergidos em campo – e a **linguagem literária** escolhida para a síntese dos resultados da pesquisa em arte é uma forma de comunicação disso.

Aranha & Martins (1993) colocam que “(...) a linguagem humana intervém como uma forma abstrata que distancia o homem da experiência vivida, tornando-o capaz de reorganizá-la numa outra totalidade e lhe dar novo sentido. (...) Se a linguagem, por meio da representação simbólica e abstrata, permite o distanciamento do homem em relação ao mundo, também é o que possibilitará seu retorno ao mundo para transformá-lo” (p.4-5). Concluem as autoras que se



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

esta “se encontra enfraquecida na possibilidade de expressão, é o próprio homem que se desumaniza” (p.5).

Visto que a imagem (linguagem fotográfica), assim como a escrita (linguagem literária), implicam num tipo particular de comunicação, a opção por elas advém de uma compreensão contemporânea de linguagem que nos leva a percebê-la como estando, de forma direta ou indireta, sempre em permanente diálogo com a imaginação, uma faculdade inerente ao humano e, por isso mesmo, material de criação poética. O **processo de criação poética**, por sua vez, mesmo retirando do cotidiano observado (no caso, na aldeia guinense) o seu material base, está diretamente ligado à transgressão. “As transgressões expressam as vontades de soltar o olhar que nos prende. Elas acontecerão enquanto *‘olhar que prende andar solto e o olhar que solta andar preso’*[Dorival Caymmi]” (ARROYO, 2000, p.149) – e a arte pressupõe transgressão.

Portanto, as produções artístico-culturais (nesse caso, um livro de literatura infantil/infanto-juvenil) são janelas abertas de diálogo com o público – no caso desse livro, leitores do texto/contempladores das imagens –; são formas que nós, como pesquisadoras, elegemos para partilhar ações e significados; são espelhos nos quais vemos o outro e a nós mesmas; são possibilidades de (re)conhecer(-nos), entender o outro e nos fazermos entender pelo outro.

Um livro infantil/infanto-juvenil como resultado expresso de uma investigação

O livro *Cartas entre Marias: uma viagem à Guiné Bissau*, como resultado expresso de uma pesquisa em arte sobre os modos de ser, agir e pensar de pessoas, sobretudo crianças, de uma aldeia no interior da Guiné Bissau, faz com que meninas e meninos possam ver-se e perceber-se em suas singularidades e em sua coletividade infantil, tendo respeitadas suas diferenças e sublinhadas suas potências. Sua representação é, então, bastante diferente daquela ainda comumente encontrada que busca destacar as perspectivas deficitárias das crianças, em particular, das crianças negras e pobres.

Como se deu o processo? A partir das imagens capturadas, elencamos as categorias de análise: brinquedos e brincadeiras, cotidiano, comidas, relações de gênero etc. que retratavam aspectos das africanidades. Para a elaboração do livro, as imagens foram selecionadas, dentro de cada categoria, levando em conta não apenas critérios de qualidade, mas também representações que não explorassem privilegiadamente a pobreza, a doença, a falta... mas a riqueza cultural, a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pluralidade, a diversidade; cada imagem foi pensada na perspectiva de desconstrução de estigmas.

Uma vez selecionadas as fotografias, tínhamos como meta escrever um livro que fugisse ao didatismo, desconstruísse estereótipos, que se baseasse em positivities, sem romantismo; que explorasse diferenças e aproximações, respeitando a criança como sujeito de potência, criativo e produtor de cultura; e que não usasse linguagem “ta-ti-bi-ta-ti”, tampouco uma estética com base em “infantilismos” – cada frase foi escrita com o intuito de deflagrar perplexidades e colocar em cheque as verdades anteriores, construídas pelo senso comum, buscando contribuir para um universo de maior respeito à diversidade em todos os sentidos. Benjamin (2005) corrobora com essa opção quando escreve que “[a] criança exige do adulto uma representação clara e compreensível, mas não ‘infantil’. Muito menos aquilo que o adulto costuma considerar como tal” (p.55).

Assim, o primeiro passo após a escolha das fotos, foi selecionar, nos dados capturados, aspectos interessantes que pudessem dialogar com as imagens, e sobretudo pensar formas não convencionais de fazer isso – e foi aí que surgiu a ideia das cartas. A troca de cartas para a comunicação entre as duas amigas (Ana Maria e Maria Cristina) decorre de uma opção estética e poética, que objetivou despertar nos leitores um outro deslocamento, uma outra desacomodação sobre o estabelecido. Como hoje estamos inseridos num contexto de imediatismo e velocidade; um mundo da informação, queríamos resgatar um pouco da dimensão narrativa, de uma temporalidade outra. As próprias personagens da trama estranharam terem de escrever cartas. Como duas meninas urbanas, que moram numa capital ao sul do Brasil, elas têm acesso a outros tipos de comunicação mais rápidos e imediatos. Nas cartas, o próprio tempo de espera entre o envio da mensagem e o seu retorno, nos coloca em contato com um sentimento diferente. E essa dimensão tem profunda ligação com a cultura africana, com a oralidade. Como as duas pesquisadoras somos “Marias” – *Maria* Isabel e *Virgínia Maria* – e batizamos as personagens de *Maria* Cristina e *Ana Maria*, intitulamos o livro de “Cartas entre Marias”.

Mas esse processo de produção, em particular, tem outro ponto que merece destaque: a metodologia de análise e organização dos dados, que contou com intensa participação das crianças, procurando suplantar um problema acadêmico comum, referente à discrepância entre forma e conteúdo. Isso porque, se pretendíamos que o resultado fosse dirigido ao público infantil/infanto-juvenil, não queríamos que apenas nós, adultas, fizéssemos a seleção dos dados, tampouco fôssemos as únicas a determinar a maneira de organizá-los.

Partindo então de uma concepção de criança como sujeito sagaz, autoral e autônomo, capaz de opinar e discernir, entregamos um primeiro “copião” do livro para algumas crianças



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

isoladamente, bem como para grupos familiares, e ainda para uma turma de alunos e alunas da Escola de Educação Básica Irmã Edwiges, em Criciúma, ao sul de Santa Catarina. O desafio colocado a elas era: podiam mexer, retirar, acrescentar, provocar questões, sugerir... O objetivo era colocá-las na posição de co-autoras do processo de trabalho – uma reversão no paradigma estabelecido de poder-adulto-criança.

O trabalho com crianças como co-autoras de pesquisas foi amplamente discutido por Cruz (2008) na coletânea que organizou a partir da investigação sobre teses e dissertações de mestrado que tomaram meninos e meninas como depoentes privilegiados em suas pesquisas. Mesmo antes de iniciar esse processo de trabalho mais coletivo, estávamos cientes de que “[a] interpretação dos resultados da pesquisa em arte não converge para a univocidade, mas para a multivocidade, uma vez que cada interlocutor deverá fazer a sua interpretação pessoal e proceder uma leitura subjetiva para analisar o resultado da pesquisa contido na própria obra de arte” (ZAMBONI, 2001, p. 59).

A primeira pergunta que fazíamos às crianças é se elas gostaram do que leram/ouviram. E o porquê. Logo chamou a atenção de alguma criança o modo de ser criança na Guiné-Bissau; ou mesmo as diferenças de gênero menino/menina (ou homem/mulher) por lá. Ficou clara a ideia de o livro mostrar as diferenças entre a infância numa aldeia da Guiné-Bissau e a vida das duas meninas que trocam suas cartas. O fato de as crianças mostradas na África serem de uma aldeia as aproxima de crianças que moram na região rural brasileira. De outro lado, Ana Maria e Maria Cristina são personagens urbanas. Ficou implícito às crianças que há cidades na Guiné-Bissau e que as crianças das cidades guinenses têm mais coisas em comum com as duas personagens do livro. E se fossem dois meninos protagonistas? Sobre o que teriam conversado? Também as questões de gênero no livro foram ponto de observação infantil. O fato de as duas personagens serem meninas dá o tom mais feminino para a conversa delas. A Ana Maria fica fascinada pelas roupas, adereços e cabelos. Seus irmãos-meninos encantam-se pelos instrumentos musicais. Há diferença nos interesses e nos modos de brincar das meninas e dos meninos: por que antigamente as meninas não podiam ir à escola? Será que hoje já há igualdade de oportunidades à meninas/mulheres e meninos/homens? – questões que não escaparam ao debate das crianças co-autoras. Dentre os aspectos que foram visíveis aos olhos dos meninos e meninas para quem contamos/lemos essa história antes de sua versão final é o fato de as crianças na aldeia da Guiné-Bissau fazerem seus próprios brinquedos com sucata.

Paralelamente, o “copião” foi enviado para colegas da área de Letras/Literatura e para amigos que atuavam com crianças, pedindo-lhes uma leitura crítica; bem como para um grupo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de pessoas da Guiné-Bissau para avaliação. Esse rico material avaliativo foi usado para mudar o resultado final: partes foram subtraídas; outras acrescentadas; fotos substituídas.

A transformação dos dados elencados em livro é o que Zamboni (2001) chama de *processo de trabalho* na pesquisa em arte:

Por *processo* entende-se uma série de ações sistemáticas visando um certo resultado. Por *trabalho* entende-se aqui, a operacionalização material das idéias anteriormente acumuladas pela observação. Além delas, o próprio fazer gera novos estímulos, *o por fazer*. Portanto, processo de trabalho é uma fase da pesquisa [*em arte*] na qual, por meio de ações sistemáticas, procura-se chegar à materialização de uma obra embasada pelas idéias e interpretações da observação (p.56). Ele não é algo linear; é um processo de idas e vindas, de intuição e de racionalidade que se interpõem no caminho da reconstrução representativa da realidade. É uma etapa eminentemente criativa e que dá forma material e organizada a uma série de idéias e fatos coletados de uma determinada realidade. (...) É o momento mais importante do desenvolvimento de uma pesquisa em artes por que é exatamente quando se materializam as idéias (p.57).

A título de fechamento...

Essa proposta se consubstanciou na busca de estabelecermos um diálogo entre arte e ciência.

A arte nos faz entender certos aspectos que a Ciência não pode fazer (p.20), isto é, “a educação dos sentidos e da percepção ampliam nosso conhecimento de mundo, o que vem reforçar a ideia de que a arte é uma forma de conhecimento que nos capacita a um entendimento mais complexo e de certa forma mais profundo das coisas. (...) A explicação artística é extremamente particular, não passível de grandes generalizações, mas mesmo assim transmite invariavelmente mensagens de natureza bastante ampla (Zamboni, 2001, p.21).

Essa tessitura se coloca como um desafio a mais que visa também favorecer a reconfiguração de paradigmas acadêmicos, de relativização de verdades e, sobretudo, de hierarquização de saberes e poderes – afinal, a arte torna visível, o invisível.

Verdade, mentira, certeza, incerteza...

Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras.

Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas

Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.

Bem: verdade, mentira, certeza, incerteza o que são?

O cego pára na estrada.

Desliguei as mãos de cima do joelho



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?
Qualquer coisa mudou numa parte da realidade – os meus joelhos e as minhas mãos.

Qual é a ciência que tem conhecimento para isso?

O cego continua seu caminho e eu não faço mais gestos.

Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.

Ser real é isto.

Fernando Pessoa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lucia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando – introdução à filosofia**. SP: Moderna, 1993.

ARROYO, Miguel. **Ofício de Mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BENJAMIN, Walter. Livros infantis velhos e esquecidos, In **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades, 2005 (p.53-68).

BRITES, Blanca & TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero. Metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, Ana Luiza Martins. O olhar do viajante, In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília: IPHAN, nº 29, 2001 (p.43-65).

CRUZ, Silvia Helena V. (org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990.

LEITE, Maria Isabel. Linguagens e autoria: registro, cotidiano e expressão, In OSTETTO, Luciana & LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão**. Campinas: Papirus, 2004 (p. 25-40).

LIMA, Luiz Costa. Brasil, por onde olhar?, In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília: IPHAN, nº 29, 2001 (p.67-81).

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte – um paralelo entre arte e ciência**. São Paulo: Autores Associados, 2001.